

SOBRE A SAUDADE

VI Colóquio Luso-Galaico

em homenagem a Andrés Torres Queiruga

coordenação de:

**António Braz Teixeira
Maria Celeste Natário
Jorge Cunha
Renato Epifânio**

Zéfiro 

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à exceção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

“O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES – Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502”.

TÍTULO

Sobre a Saudade: VI Colóquio Luso-Galaico

COORDENADORES

António Braz Teixeira, Celeste Natário, Jorge Cunha e Renato Epifânio

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Dezembro de 2018

ISBN: 978-989-677-166-9

DEPÓSITO LEGAL: 450 050/18

IMPRESSÃO: DPS

© 2018, Zéfiro



ÍNDICE

De Camiño na Saudade: “*Itinerarium Cordis In Deum*”9
Andrés Torres Queiruga

HOMENAGEM A

ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

Pensar a Saudade pela Via da Imanência:
em Honra de Andrés Torres Queiruga.....33
Jorge Cunha

Radicação e Fronteira: O Estatuto Pré-Ontológico da Saudade
– Aproximação à Filosofia da Saudade de Andrés Torres Queiruga44
José Pedro Angélico

Sobre Andrés Torres Queiruga e a Saudade.....81
Luis G. Soto

Filosofia e Saudade. A Propósito de Andrés Torres Queiruga.....93
Marcelino Agís Villaverde

Saudade: Entre Fenómeno e Acontecimento (Deriva sobre
a Saudade a Partir da Lectura de Andrés Torres Queiruga)110
Miguel Ángel Martínez Quintanar

Repensando o Ateísmo: Entre Andrés Torres Queiruga e José Marinho.....122
Renato Epifânio

O Caracter Ontológico da Saudade:
Ramón Piñeiro e Andrés Torres Queiruga127
Rocío Carolo Tosar

SOBRE A SAUDADE

Expressão e Sentido da Saudade na Poesia Angolana
e Moçambicana da Geração de 1985.....135
António Braz Teixeira

Do Exílio da Palavra e da Pronúncia que não Cessa: O *Entre-Dito*
da Saudade nos Escritos de Dalila Pereira da Costa e António Telmo142
Alexandre Teixeira Mendes

A Saude no Pensamento e na Obra de D. Roberto Novoa Santos	159
<i>Fernando J. Ponte Hernando</i>	
A Saude como Protensão dos Actos Totais ou Supervivência de Experiências Sagradas.....	167
<i>Joaquim Pinto</i>	
Saudosismo e Messianismo: Aspectos do Mito em Fernando Pessoa	173
<i>José Almeida</i>	
Lima de Freitas: Tradição e Modernidade – Querelas sobre a Saude.....	181
<i>Lígia Rocha</i>	
A Medicina da Saude em José Feliciano de Castilho (1810-1879).....	205
<i>Manuel Curado</i>	
Teixeira de Pascoaes, <i>o Doido e a Morte</i> :	
Uma Viagem, uma Transmutação	220
<i>Maria Celeste Natário</i>	
Ernesto Guerra da Cal: Exílio e Saude	225
<i>Maria Dovigo</i>	
O Saudosismo e a Economia: Sobre o Debate entre Teixeira de Pascoaes e António Sérgio.....	243
<i>Nuno Ornelas Martins</i>	
Suidade: Experiência do Sy Abyssal e Caósmico	255
<i>Paulo Borges</i>	
A Fenomenologia da Saude em António Telmo	268
<i>Pedro Martins</i>	
Outras Saudades: Uma Aproximação à Obra de Terrence Malick	278
<i>Pedro Jacob Morais</i>	
A Saude do Paraíso Futuro	281
<i>Samuel Dimas</i>	

A MEDICINA DA SAUDADE EM JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO (1810-1879)

MANUEL CURADO

I — SAUDADE E NOSTALGIA

É possível que já tudo tenha sido dito sobre a saudade. Este substantivo que encantou muitos vultos da cultura portuguesa parece descrever um sentimento que aspira a uma plenitude. Não há forma de traçar a fronteira entre um eventual referente não discursivo e um discurso que sim afirma que ele existe e que sim é um aspecto importante da sensibilidade de alguns povos. Mesmo que não existisse nenhum referente, ainda assim seria necessário explicar a existência de uma produção discursiva que se ocupa mais do lado humano do que do lado das coisas não humanas, porque, afinal, a saudade é assunto humano, e não há notícia dela junto das pedras. A saudade parece ser um dos espelhos perfeitos da alma. Nesse retrato misericordioso, apenas se vê a versão sublimada de quem vê e a ilusão elegante que leva a acreditar que apenas desse modo se revela a verdadeira realidade. Também os povos têm os seus retratos perfeitos. A saudade portuguesa parece ser uma junção original das velhas categorias gregas de *aretê* e de *nostalgia*. A primeira descreve o ponto mais alto de perfeição que é possível a um ser humano, uma virtude que poderá estar ou não ao seu alcance. A *aretê* de um atleta supõe uma vitória conquistada contra todas as expectativas; a *aretê* de uma mulher descreve o desabrochar mais completo de aspectos da realidade feminina, como a beleza e a maternidade; a *aretê* de um sábio recomendaria uma forma de vida meridiana, sem o verniz confortável de alguma ilusão de serviço. A segunda categoria, por seu lado, alude a um regresso a um estado em que tudo é o que tem de ser, um estado que pode assumir os contornos de um lar, de uma pátria ou de uma época especialmente feliz. Seja pois um sentimento ou uma aspiração, exista na realidade dura das coisas ou no manto suave do discurso, não está ao alcance de nenhum pensador esgotar um assunto que acontece às pessoas ou que apenas existe porque se vai construindo o discurso de que existe algo que se denomina saudade. Nenhum pensador tem meios de compreender o sentido último do que acontece às pessoas e às comunidades, e o desejo que o atormenta de superar essa condição manifesta a saudade de uma virtude possível e de um lar feliz. Talvez as sementes na terra fria também aspirem à árvore frondosa sob

um sol de Verão, ou as lagartas talvez se inquietem no afã de se metamorfosarem em borboletas. Talvez tudo aspire ao seu melhor, e mesmo o universo esteja hipnotizado pela sobrevida que o espera. Nada se pode fazer para alterar isto nem para compreender a totalidade que estes movimentos implicam. O que acontece às pessoas é isto: sentirem alguma coisa e não compreenderem o que sentem nem a razão última devido à qual sentem o que sentem. Vê-se, assim, que o bonito assunto da saudade descreve uma escravidão total, e não é certo que o assunto seja simpático. Todos os rostos da ordem metafísica oferecem a alegria da realidade e a dor de um pesadelo de que não se pode acordar, porque não há forma de sair da realidade. A saudade, parte da ordem metafísica, pode ter tudo de bom e tudo de mau dentro de si. Não é evidente o seu valor, se algum tem.

Como se vê, num assunto vasto que toca em problemas metafísicos complicados, a nostalgia e as saudades do torrão natal podem parecer aspectos menores. Também nelas, contudo, é possível ver a aspiração a uma acção futura (o regresso a uma terra amada) que recupera um estado já usufruído por um indivíduo ou por um grupo. Se a saudade como um todo é um dos rostos da aspiração a uma felicidade ao alcance da vida humana, algumas das suas pequenas partes, como a nostalgia e a ligação a uma terra que ficou para trás, permitem explorações interessantes da vasta totalidade que é a saudade. Entre a realidade neutra das coisas concretas e os ideais inatingíveis que as pessoas perseguem, estão os sentimentos e os efeitos que estes exercem sobre a saúde.

Um dos capítulos mais curiosos do pensamento português sobre a saudade encontra-se num raro ponto de vista médico sobre a nostalgia e os sentimentos que ligam as pessoas à sua terra. Um dos irmãos Castilho, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (Lisboa, 4 de Março de 1810 – Rio de Janeiro, 11 de Março de 1879), ou Castilho José, como também é conhecido no Brasil, doutorou-se em Medicina em Paris com uma tese em que procurou analisar do ponto de vista clínico os efeitos psicológicos, comportamentais e somáticos da nostalgia. Este texto pouco conhecido, a *Dissertation sur la nostalgie*, é surpreendente pela relação que estabelece entre nostalgia e problemas médicos; é surpreendente também porque propõe uma base cerebral para a saudade da terra natal; é surpreendente, finalmente, porque antecipa em muitas décadas o que a medicina da segunda metade do século XIX fará, período em que muitos temas (para não dizer a totalidade da vida social) foram perspectivados do ponto de vista médico, das artes até à religião. A dissertação defendida na Faculdade de Medicina de Paris no dia 24 de Agosto de 1831 é, pois, merecedora de uma leitura renovada.

Preparando a análise mais propriamente médica da nostalgia, José Feliciano discerne em toda a natureza (“a escala imensa dos seres organizados”) um “instinto comum” que manifesta o “amor pelo solo natal” (1831, p. 5). Os exemplos que aligeiram o discurso são curiosos: as plantas que vêm dos antípodas não se dão na



Europa, e até os animais parecem manter uma ligação com a sua terra de origem. Neste contexto, os seres humanos não podem ser excepção porque, certamente, são “o ser eminentemente sensível, muito superior pela razão a todas as obras da criação” (1831, p. 6). A dor causada pela distância é verdadeiramente infernal, sendo ela que justifica que uma das penas mais cruéis das sociedades antigas tivesse sido a do exílio. Ao lado das lágrimas dos exilados, o olhar clínico de José Feliciano inventaria muitos traços de uma “existência insuportável”. Dois deles são especialmente notáveis: a memória humana parece transfigurar-se, já que os lugares natais surgem ao exilado com uma “auréola encantada”; em complemento, a vida interior do exilado estrutura-se obsessivamente em torno de um “teatro feliz”, de tal modo que “o universo para ele não é senão um ponto” (1831, p. 6).

Poder-se-ia perguntar quais foram as fontes em que se baseou José Feliciano para a reflexão que faz sobre a força e a estrutura do sentimento que é “inato no coração dos homens” (1831, p. 7). A sua própria experiência, bem como a dos seus irmãos, exilados em França no período de confronto entre Miguelistas e Liberais, é indubitavelmente a mais importante, isto numa época em que aconteciam movimentações de grandes exércitos, colonização de novas terras e amplos fenómenos migratórios. A isso haveria de acrescentar as fontes literárias e a incipiente literatura etnográfica do início de Oitocentos. O brilho literário de um clássico como Ovídio contribuiu sobremaneira para o inventário dos efeitos da nostalgia no corpo e no espírito de quem dela sofre, efeitos que se manifestam seguindo uma sequência temporal específica. Numa primeira fase, a memória transfigura os objectos de desejo, rodeando-os de um charme inextinguível e apagando as imperfeições, mas também se manifestam sonhos assustadores e uma progressiva indistincção entre os males imaginários e os males reais. Numa segunda fase, o exilado sente repulsa até pelo ar e pelas águas da terra em que está; os sentimentos de solidão intensa e de prostração completa tornam-se avassaladores; os conteúdos que vêm ao espírito diminuem de número, ocupando-se a pessoa sempre dos mesmos; a própria natureza parece incomodar a paz de espírito do que sofre. O corpo começa a dar sinais da inquietude do espírito: enfraquecimento dos membros, languidez quase mortal, insónias recorrentes, emagrecimento, diminuição do apetite, perda de paladar, perda de cor e palidez crescente. Numa terceira fase, surge a febre de consumpção, a sensação de corpo entorpecido e a perda total do gosto pelos alimentos. A pessoa sente-se um “esqueleto vivo” (1831, p. 11). Ovídio dá também a José Feliciano o testemunho de um intelectual à procura da melhor forma de descrever o que sentia, já que todas as designações que lhe vinham ao espírito apoucavam o que estava em causa (piedade, fraqueza de mulher, perda da pátria, etc.). A riqueza da descrição — dir-se-ia fenomenológica — que



Ovídio faz do seu estado torna-se todo um programa de investigação.¹ A respeito da tradição médica, o próprio Castilho denuncia a falta de estudos médicos sobre as causas e efeitos da nostalgia, afirmando que “é surpreendente que nenhum autor tenha falado disso até hoje [il est surprenant qu’aucun auteur n’en ait parlé jusqu’aujourd’hui]” (1831, p. 11). Não está em causa que *nenhum* médico tenha equacionado o problema descrito por Ovídio; o próprio José Feliciano indicará alguns precedentes, não esquecendo o seu próprio pai, que também era médico. Diferentemente, José Feliciano, ao colocar este desabafo logo após uma longa citação de Ovídio, parece sentir falta de estudos científicos e clínicos que possam desenvolver o que está incipiente na expressão literária da nostalgia.

Uma fonte especialmente relevante da origem do interesse de Castilho pelo tema da saudade e das suas manifestações clínicas é precisamente o seu pai. O Doutor José Feliciano de Castilho (1769-1826), de quem Castilho José herdou o nome, foi professor de medicina na Universidade de Coimbra e acompanhou a corte portuguesa na sua ida para o Brasil. Ora D. João VI patrocinou a certa altura (1819) a instalação de milhares de colonos suíços no Estado do Rio de Janeiro, na região de S. Pedro de Cantagalo, próxima do rio Macacú. Esta colónia está na origem da cidade de Nova Friburgo (1831, p. 14, n. 4). Este Doutor José Feliciano de Castilho (Pai) transmitiu ao filho relatos impressionantes dos efeitos da saudade das montanhas suíças em terras cariocas. A dissonância entre o que estava na memória dos colonos e o que estes encontravam nos trópicos parece ter causado casos extremos de melancolia, e até alguns raros casos de suicídio. Na correspondência do lente de Medicina e fundador do importante *Journal de Coimbru* com os colegas médicos da colónia suíça (Dr. José Duarte Salustiano Arnaud e Dr. Bazeta), o pai José Feliciano apouca objectivamente o papel da saudade, já que nota o papel das doenças que os colonos contraíram durante as viagens da Suíça, pelo Reno, até à Holanda; observa também o “péssimo estado de saúde com que a Colónia chegou ao Brasil” (1820, fl. 2, p. 3); denuncia a falta de exercício e o excesso de descanso; indigna-se contra a falta de higiene dos casebres para onde os colonos foram viver; e lança até suspeitas sobre os efeitos do generoso subsídio que o rei português concedeu, o que, do seu ponto de vista, constituiu uma “abundância que passa de frugal, a que não estavam habituados nem talvez

¹ Castilho parece recorrer em especial à 2.ª Elegia de Ovídio. Na tradução oitocentista do Visconde de Seabra, alguns versos expressam estrados em que o seu olhar clínico teria facilmente reparado: “Por mão estranha escrevo, não te admires; / Doente estou, doente em longes terras, (...) Não posso habituar-me ao clima, às águas, / E não sei por que a mesma terra odeio; (...) E nesta solidão e isolamento / Recresce-me a saudade, e mais deploro / A falta do que adoro e ver não posso; / Mas sobretudo és tu, querida esposa, / Quem mais meus peito e pensamento ocupa; (...) Dizem até que mesmo delirante / Nunca deixei de repetir teu nome” (Seabra, 1890, p. 305).



no seu país” (1820, fl. 4, p. 7). Muitos factores influenciariam certamente a saúde das pessoas sadias das montanhas suíças nas suas viagens até aos trópicos. A saudade surge no diagnóstico do Dr. Castilho mais como um efeito secundário da falta de ocupação do que como um factor etiológico autónomo: “enquanto os Colonos sofriam os incómodos de toda a qualidade que os amofinaram desde a Suíça até esta paragem, não deram entrada as saudades da sua pátria, mas agora, no sossego em que estão, alguns as vão sentindo influenciando no estado de saúde, e até aparece alguma nostalgia” (1820, fl. 4, pp. 8-9).

Castilho José terá recebido do seu pai muitas outras observações que terão reforçado a suspeita de que existem elos causais muito fortes entre a saudade e o estado de saúde.² É todo este fenómeno que José Feliciano quer compreender. Todas as ligações psicossomáticas têm algo de estranho que facilmente capta a atenção de um intelectual. Essa estranheza reside nos velhos problemas da causalidade mental, do paralelismo psiconeuronal e da ontologia da mente. Como é possível que um estado mental altere um estado somático, e vice-versa? A saudade poderia limitar-se a um desejo vago e a uma memória simpática de uma terra distante. Contra esta primeira impressão, a vastidão do fenómeno e, sobretudo, os efeitos desproporcionados no comportamento humano fazem com que a *Dissertation sur la nostalgie* comece por contribuir para a história das ciências médicas através de uma obrigatória nosografia da nostalgia enquanto agente influenciador do estado de saúde. Existiam precedentes na percepção médica dos efeitos da nostalgia, nomeadamente a *Dissertatio medica de Nostalgia, oder Heimwehe*, apresentada por Johannes Hofer em 22 de Junho de 1688 à Universidade de Basileia, e que teve várias edições posteriores, nomeadamente em 1710, 1745, 1757 e 1799, com pequenas variações, incluindo o título (Prete, 2018, pp. 34-50). José Feliciano bebe desta tradição médica ainda incipiente, referindo também os

² José Feliciano de Castilho refere ostensivamente que o seu pai terá deixado uma *História da Colónia Suíça em Macacá*, aparentemente uma obra de escopo vasto já que teria dois capítulos dedicados à questão da nostalgia: “Parmi les manuscrits qu’il a laissés en mourant, on trouve une *Histoire de la colonie suisse, à Macacá*, où parmi d’autres choses fort intéressantes (...) on lit deux chapitres sur la nostalgie, dont une grande partie des colons étaient affectés” (1831, p. 14, n. 4). Infelizmente não se conseguiu localizar este manuscrito; contudo, ele não é seguramente o conjunto de cartas do códice BNP COD. 10792, já que as observações sobre a nostalgia que nelas constam se limitam a um pequeno parágrafo. O 2º Visconde de Castilho, neto do Dr. José Feliciano (Pai) e filho de um irmão de Castilho José, o escritor António Feliciano de Castilho, no vasto retrato da sua família que pintou nas *Memórias de Castilho*, dedicou muitas páginas ao avô, veja-se a este respeito Castilho (1926, pp. 5-7, 19-23, 26-32, 89-98, 223 e 289; 1928, pp. 120-123 e 124-12). A história da Colónia Suíça, desde a fome que atormentou a Suíça num Inverno especialmente rigoroso até à intervenção de auxílio de D. João VI, é relatada a traços largos (Castilho, 1926, pp. 158-163).



trabalhos de Sauvages, Sagar, Fodéré, Cullen e Pinel (1831, p. 13). Começando por explorar as designações que lhe pareciam mais adequadas ao que estava em causa, da dor do regresso dos Gregos, passado pela neologismo seiscentista patridomania (Hofer), até à nostomania, à nostrassia, ao *Heimweh*, ao *spleen* e ao *mal du pays*, o filho do lente de Medicina define o mal da nostalgia como uma variedade da melancolia que é esporádica, mas que pode chegar a atingir proporções epidémicas, sendo “moralmente contagiosa” (1831, p. 13).

II – A NOSOGRAFIA

Entre as causas que predispoem a esta afecção, José Feliciano elenca o temperamento nervoso e melancólico; a diferença entre um passado familiar cheio de ternura e a frieza de uma vida exilada junto de pessoas de quem só se pode esperar uma forma mercenária de cuidado; a falta de instrução, que contribui para que não se encontre consolação nem distração do espírito em actividades culturais; as paixões tristes e especialmente intensas; o amor, sobretudo o amor *feliz*, é também arregimentado para este inventário das causas dos males da saudade; a ambição frustrada; as reprimendas dos superiores nas instituições; os infortúnios dos emigrados e dos prisioneiros de guerra; a ignorância da língua da terra de destino e a consequente dificuldade de comunicação; aspectos particulares das terras de origem podem, na sua ausência, despoletar ataques de ansiedade, como a falta do ar das montanhas em pessoas naturais de países montanhosos, como a Suíça e a Escócia; o abuso das mulheres; as práticas solitárias de onanismo; a ossificação prematura das suturas dos ossos do crânio e das artérias do encéfalo; a diferença de climas; o frio acentuado; a pressão atmosférica elevada; etc. Como facilmente se vê, o conjunto de factores que predispoem é muito vasto e pouco homogéneo. Seria difícil identificar os elos causais que efectivamente causam o problema. O conceito de predisposição não é suficientemente rigoroso para descartar as situações contrafactuais, isto é, os casos das pessoas que, tendo experienciado esses factores de predisposição, não desenvolveram nenhuma sintomatologia ligada à nostalgia. O conceito não é acompanhado de um critério que permita a limitação do número das situações. Não é num debate epistemológico, contudo, que Cas-tilho José está interessado, nem tinha, aliás, dados epidemiológicos para apoiar as suas intuições a respeito de eventuais causas ou dos seus ritmos sazonais. O Ourono afigurava-se a estação mais propícia à manifestação das variantes clínicas da nostalgia. Para este irmão do poeta António Feliciano, está em causa apenas a observação, a apreciação de casos clínicos registados e a sua intuição.

Um caso especialmente interessante em que se revela a sua forma de pensar os elos causais que mediam entre as predisposições e as manifestações efectivas encontra-se no sempre cansativo debate em torno da relação entre género e distúrbios



de saúde. A literatura médica fixou todo um debate sobre a questão do modo como o género sexual afecta o ciclo da nostalgia. Do lado das autoridades médicas, a opinião inclinava-se para que as mulheres fossem menos afectadas por esse mal; diferentemente, as observações que o pai Castilho fez junto da colónia suíça da Quinta de Morro-Queimado em S. Pedro de Cantagalo, no Rio de Janeiro, apontavam para que a prevalência desse mal junto das mulheres constituísse o dobro da dos homens. Conciliando as duas perspectivas, José Feliciano fixa salomonicamente o seu pensamento afirmando que o mal afflige de modo semelhante homens e mulheres (“les deux sexes, au moins également”, 1831, p. 14). Não se avança com nenhuma prova específica, e tudo fica sob o manto da opinião elegante.

Este grande inventário das causas que predispõem ao mal nostálgico permite ver, contudo, que há uma estrutura mais fina. A manifestação do problema parece estar ligada a uma causa circunstancial, a um pequeno evento de que por vezes não se chega a guardar memória consciente, como uma banal conversa, uma canção que se ouve, uma carta de amor que se recebeu ou até o reconhecimento do sotaque de um conterrâneo. Mais uma vez, é impossível traçar o fluxo causal iniciado por esse evento que só tem significado devido à série a que dá origem; também não é possível apartar essa série de outros eventos que não originaram séries significativas. A intuição que este evento procura concretizar é a do fenómeno crítico, a da modesta gota de água que faz transbordar o copo.

A estrutura mais fina do conjunto também se discerne na geometria temporal da manifestação do problema, talvez por influência da leitura da poesia de Ovídio, muito apreciada por ele, pelo seu círculo familiar e por amigos. Numa primeira fase, discernem-se os sintomas morais: a frequência com que se pensa na terra natal; o falar sozinho; o isolamento crescente na forma de viver; o gosto de estar em locais pouco frequentados, como florestas, praias e margens de rios. Os sinais somáticos também são inventariados: inclinação da cabeça; propensão para o choro, sem que se consiga efectivamente chorar; aumento da temperatura da cabeça; palidez crescente; olhar sem foco; sono agitado; perda de apetite; boca seca; estômago preguiçoso; ligeiras febres nocturnas; e muitos outros. Numa segunda fase, os distúrbios físicos acentuam ainda mais o problema psicológico, ou, como se dizia na época, o problema moral (1831, p. 17): a pessoa torna-se conspicuamente taciturna, a palidez acentua-se, o pulso torna-se fraco. A complicar tudo isto, o registo emocional tende a ser caótico, já que riso e choro se alternam, e, por vezes, há episódios de delírio furioso. Finalmente, numa terceira fase, o estado de saúde degrada-se acentuadamente: a pele torna-se árida “como as areias do deserto” (1831, p. 18); atenua-se a inteligência; os sentidos enfraquecem; aparecem as febres nocturnas. Em suma, a pessoa parece deixar de existir (“Il cessa d’exister”, 1831, p. 18). Do ponto de vista de José Feliciano, a nostalgia não é mortal por si mesma, tirando casos excepcionais, mas tem o efeito de agravar as doenças concomitantes ou consecutivas.



Tentando explicar sumariamente o circuito causal da nostalgia, sem entrar em debates epistemológicos desaconselháveis numa dissertação em Medicina, José Feliciano identifica o sistema nervoso como centro decisivo, a sede em que tudo acontece. Este é um ponto de vista inovador. Não é fácil reparar no órgão invisível do cérebro quando as situações em que as pessoas e os povos se encontram, as emoções que sentem e a própria estrutura da acção humana monopolizam a atenção. Se é aquela a terra que se perdeu, se são estas as emoções que se sentem devido a essa perda, e se é esta a esperança que se tem de revê-la, será difícil olhar para o motivo menos impressionista do sistema nervoso que actuou de modo invisível na percepção e memória da terra, nas emoções e na esperança. Afinal, ninguém sente habitualmente os seus próprios neurónios, redes neuronais nem neurotransmissores. Seria tão absurdo afirmar que se sente tudo isso quanto se afirmar que se sente cada átomo de que é feita a pessoa. A deslocação do foco do inquérito das causas da nostalgia desses motivos monopolizadores da atenção para uma estrutura subjacente abre, pois, vastas possibilidades de análise do fenómeno. (Poderá, no futuro, destruir o próprio fenómeno, mas esta possibilidade distante não deve impedir que se aprecie o pensamento médico de José Feliciano nos seus próprios termos.) A tese que é proposta é muito clara: impressionado desde tenra idade pelos mesmos objectos, a alteração do local de vida faz com que uma parte significativa do sistema nervoso fique privada da estimulação a que está habituada. Afirma-se, em consequência dessa privação, que “o cérebro, desequilibrado, não pode mais exercer as suas funções regularmente, nem as de órgão pensante, nem as de órgão vivente, nem as de órgão secretor; o que origina que a imaginação e o pensamento sejam pervertidos, que as lesões se manifestem no cérebro, e que a secreção do fluido nervoso diminua” (1831, p. 25).

Céptico a respeito dos efeitos dos meios farmacológicos (“S’il y a un cas où les secours pharmaceutiques soient contrindiqués, ou du moins inutiles, c’est évidemment celui qui nous occupe”, 1831, p. 25), José Feliciano termina a sua dissertação apelando ao que denomina meios heróicos. O mal de nostalgia só tem de facto uma solução total: o regresso desses pacientes à companhia dos seus amigos e à sua pátria. Na sua ausência, vários meios deverão ser utilizados, sobretudo os que classifica como morais: acesso a objectos da terra amada, pequenos prazeres, muito exercício físico e música energética, comida leve, vinho quanto bastar para propiciar a alegria, e total interdição de produtos que na altura tinham venda livre, como o ópio. Não estava no horizonte da medicina da primeira metade do século XIX a ideia de que não existem de facto diferenças significativas entre a via química dos meios farmacológicos, a via comportamental dos meios morais e a via real dos meios heróicos. Qualquer meio heróico, como o regresso da pessoa à terra amada, terá manifestações no seu sistema nervoso; nada impede que meios farmacológicos sofisticados do futuro consigam simular essas manifestações.

Por maioria de razão, o mesmo acontece com os meios morais. Não há dois exercícios físicos: por um lado, uma essência de exercício físico, e, por outro lado, os efeitos reais do exercício físico no organismo. Como é evidente a qualquer pessoa racional, se for possível criar os efeitos do exercício físico sem fazer-se exercício físico, este tende a desaparecer. Por exemplo, poder-se-á no futuro obter esses efeitos tomando um comprimido, reprogramando genes e reposicionando blocos somáticos. Velhos debates, fascinantes e entediantes ao mesmo tempo, como o das alegadas diferenças entre formas profanas e sagradas de misticismo, têm os mesmos constringimentos. Debates contemporâneos, como o de saber se as simulações computacionais e robóticas alguma vez poderão confundir-se com seres humanos reais, com os seus comportamentos e com os seus estados mentais, mostram que não se evoluiu um único iota na compreensão destes assuntos. José Feliciano tem ainda a convicção inocente de que um meio químico como o ópio não poderá nunca equivar à abordagem do meio heróico, como se o primeiro fosse menos “real” ou “autêntico” que o segundo. Colocando a ênfase na estrutura invisível do sistema nervoso, e não nos habituais motivos que monopolizam a interpretação da ação humana, José Feliciano contribuiu para uma revolução que ainda ocupa o século XXI. Porquê? Por isto: do ponto de vista do cérebro, são equivalentes os meios químicos, os meios morais e os meios heróicos. Mais ainda: só são efectivamente relevantes os meios químicos, não passando os outros de interpretações de alto nível, interessantes, certamente, mas muito imprecisas. Em complemento, esta deslocação do foco do problema tem efeitos multiplicadores. O que vale para o caso particular da nostalgia, também valerá seguramente para a saudade como um todo. Além disso, se se compreende que todos os processos mentais e culturais têm uma base química e nervosa (só no final do século XIX se poderá utilizar com propriedade a novel palavra “neuronal”), fenómenos como a nostalgia e a saudade poderão vir a desaparecer, tal como qualquer outro estado mental de alto nível (percepção, consciência de si mesmo e até experiência mística). Compreender um fenómeno é fazer desaparecer um equívoco. A saudade é um simpático equívoco que tem entretido os Portugueses durante uns séculos, na falta de outros que os motivem a fazer qualquer outra coisa. Não há garantia que esse entretenimento dure para sempre. Se se sabe como fazer desaparecer uma das suas partes (a nostalgia), segue-se que o todo da saudade deixou de ser inexpugnável. Se há algo essencial que se possa dizer a respeito da intuição que organiza a tese de doutoramento de José Feliciano, é que ela anuncia a morte da saudade. É possível que esta seja uma má notícia.

Entrando no mundo sempre complicado do amor, o doutor Castilho considera que “o comércio das mulheres” poderá ser muito vantajoso para a cura do paciente, seja na versão nobre do amor, em que a pessoa, ao sentir-se amada, pode ficar totalmente curada (“vous guérissez le malade si vous pouvez le faire



aimer”, 1831, p. 29), seja na versão mais mundana do amor, em que o recurso não exagerado aos prazeres de Vénus poderia contribuir para a cura do mal. A lógica deste meio terapêutico é a da substituição das paixões: uma nova paixão parece ter a força necessária para atenuar os efeitos de uma anterior paixão. Neste sentido, tem um aspecto comportamental e um aspecto de reformulação da realidade. É um meio moral e heróico ao mesmo tempo. Como é evidente, isto é uma ilusão hermenéutica porque, de facto, a mais sublime paixão e o sexo mais escaldante limitam-se aos meios químicos. Por misericórdia e paternalismo, toda a cultura proclamará que nada disso acontece, tentando-se salvaguardar *in extremis* o prazer venéreo ou a paixão idealizada. Resquícios, pois, do platonismo que ainda envenena a percepção das coisas. José Feliciano não entra, infelizmente, em mais detalhes sobre o “commerce des femmes” (1831, p. 29). O controlo moral da época não permitia semelhantes explorações conceptuais. Aqui e ali, mais tarde, em textos satíricos, aflora a ideia curiosa de que os prazeres de Vénus contribuem para acabar com a saude.³ Contudo, sabe-se que muito, e com conhecimento de causa, poderia ter escrito a este respeito, conhecendo-se a estima que tinha pela arte de amar, como se entrevê no *Preâmbulo do Comentador* à tradução parafrástica que o seu irmão António Feliciano fez dos *Amores* de Ovídio, e no longuíssimo e apaixonado comentário erudito a essa tradução, a sua *Grinalda Ovidiana* em oito tomos (1858). Mais tarde, num apontamento deliciosamente maldoso, o grande Camilo Castelo Branco irá anotar o seu exemplar desta obra com o comentário de que Castilho José, sendo “a maior memória que teve este século, e um erudito em certas especialidades da literatura amena, morreu de amolecimento cerebral em resultado (dizem) de excessos venéreos aos 70 anos” (Cabral, 1914, p. 171; Santos, 1965, p. 11, n. 7). A tudo isto haveria de se juntar as notícias, muito posteriores à sua morte, de que José Feliciano teria sido o verdadeiro autor de títulos de literatura erótica, como *Os Serões do Convento*, de 1862, em que no lugar do autor constam apenas as iniciais M.L., e a versão brasileira de *Teresa Filosofía* (El Far, 2004, pp. 223-230; Maia e Lugarinho, 2018, p. XI).

Quando nada disto funciona, impõe-se o recurso a meios mais violentos. Recorrendo à física mais avançada do tempo, avança-se com a proposta de estimulação eléctrica do cérebro, dada a “grande analogia entre o fluido nervoso e o fluido galvânico ou eléctrico” (p. 29, n. 2). É certo que seria possível que no conjunto vasto de meios morais ou de meios heróicos se encontrasse algum que produza melhores resultados do que a proposta de estimulação eléctrica do cérebro. Essa

³ Alguns versos brejeiros da obra corrosiva que dedicou à academia coimbrã, *A Águia no Ono e nos Astros, sive A Escola Coimbrã na sua Aurora e em seu Zénite* sinalizam essa conexão: “Venham todas as freiras falar à grade; / Venha a abadesa com mitra e espeto; / E todas as mais criadas vestidas com pele de ginetos; / Que é para aliviar a sua saude” (1866, p. 12).



hipótese não pode ser descartada. Talvez um sistema de educação, uma prática física ou até um sistema religioso consigam fazer anular propensões para comportamentos desviantes e estados mentais que são interpretados como manifestações de nostalgia ou de saudade. Talvez uma prática sexual imaginativa ou a leitura de livros edificantes consigam por poucos meios resultados benéficos. Talvez. O exercício de procura sistemática desse meio não foi feito. É interessante ver, contudo, que José Feliciano não advoga que se realize alguma diligência nessa direcção de alto nível, preferindo descer ao baixo nível do cérebro. Está, pois, refém da crença moderna, que se poderia denominar lucreciana, de que as propriedades de alto nível de um sistema são reduzíveis às propriedades de baixo nível. No final desse século, uma outra voz entusiasmada pela descoberta do neurónio, a do Doutor Miguel Bombarda, proclamará que a consciência e a liberdade são ilusórias, no seu *A Consciência e o Livre Arbitrio*, de 1898. Se, muitas décadas antes, a nostalgia já pareceu ilusória a José Feliciano, corroendo também o aspecto imaculado da saudade, não admira que essas estruturas mentais parecessem um enorme equívoco. Nenhum dos dois portugueses, providencialmente ligados ao Brasil, reparou que o alicerce da realidade em que se baseiam (José Feliciano, no sistema nervoso e no fluido galvânico; Bombarda, nos neurónios e nas suas associações) também é ele mesmo um enorme equívoco. Isto é, os argumentos que corroem a nostalgia, a saudade, a consciência e a liberdade também corroem os neurónios e os electros. Não há maior segurança epistemológica em “descer” do que em “subir” nos níveis da realidade. Eles não sabiam disso, e tinham, em consequência, a esperança de que um nível inferior seria o alicerce de todo o edifício da realidade e da vida mental. Esta esperança desapareceu.

III – ALGUMAS EXPLORAÇÕES

Chegados a este ponto, há algumas considerações que devem ser feitas. A primeira tem a ver com os sinais de futuro que este texto propõe. Para o século XXI, época em que se procura obsessivamente a base cerebral de tudo o que caracteriza os seres humanos, a velha procura das raízes biológicas da nostalgia e saudade, muitas décadas antes dos trabalhos pioneiros de Golghi e Ramón y Cajal, só pode colher a simpatia contemporânea. Contudo, esta dissertação de Feliciano de Castilho parece não dar conta da dimensão ideal da saudade, dimensão que se manifesta por um sentimento que poderia ser descrito como uma nostalgia sem objecto concreto, ou ainda por uma aspiração teleológica, como se a saudade fosse uma manifestação da energia que faz aspirar ao desenvolvimento máximo de que cada indivíduo é capaz. Ainda no século XIX, Frederic W. H. Myers, o notável investigador inglês que foi um dos fundadores da British Society for Psychological Research, cunhou (ou recordou o termo, já que este poderá ter sido usado pela



primeira vez por um platonista de Cambridge) o termo “imaginal” com base na categoria imago da ciência dos insectos, a entomologia. A imago nos insectos com ciclos de metamorfose é o estágio mais perfeito de desenvolvimento, a sua fase imaginal (Myers, 1903, p. XVIII). Ora a saudade portuguesa não é apenas uma manifestação de sentimento; sendo também isso, parece ter em si uma dimensão ontológica de aspiração a uma imago que atrai as pessoas e os povos, o nível mais perfeito do seu desenvolvimento.

O problema é o de que não se sabe conciliar a nosografia de José Feliciano, com a ênfase que dá ao que se passa no cérebro, com esta dimensão imaginal da saudade. Respeitando o esquema analítico da *Dissertation*, haveria talvez uma possibilidade remota de conciliação. Castilho fala da perda de um objecto de afecto e da dissonância entre a vida da infância e a vida adulta; honrando este esquema, a saudade enquanto versão sublimada da nostalgia implicaria a existência de uma experiência que terá marcado o psiquismo do indivíduo. Deste ponto de vista, a saudade da pátria ou de uma infância de boa memória seriam penhores de uma saudade mais profunda de uma pátria não terrena e de uma felicidade que nunca poderá ser suficientemente realizada neste mundo. Recorde-se que logo a começar a sua tese, José Feliciano aborda o que considera o “instinto comum” que, atravessando toda a escala dos seres organizados, se manifesta com mais intensidade e desenvolvimento nos seres humanos. Tudo o que consta na nosografia da nostalgia seria apenas a modulação que os casos individuais fazem deste “instinto comum”. Deste ponto de vista, ele existe universalmente, mas só dá sinal de si quando as vicissitudes da vida privam a pessoa do seu objecto amado.

A generalização da proposta nosográfica de Castilho à questão da saudade é ainda difícil por uma outra razão. Toda a descrição da hipotética entidade nosográfica da nostalgia está baseada na crença de que será possível chegar à compreensão total do assunto, mais tarde ou mais cedo. O novel doutor em Medicina alude a isso a propósito da relação entre o médico e o paciente; diz ele, “para o médico, a sua alma [sc. do paciente] será sempre transparente como os mares profundos com uma atmosfera pura [pour le médecin, son âme sera toujours transparente comme les mers profondes avec une atmosphère pure]” (1831, p. 26). Esta transparência do paciente ao olhar médico é, bem-entendido, um ideal epistémico de conhecimento perfeito. A questão reside na dissonância entre este ideal de transparência completa e a estranha opacidade do tal “instinto comum” que faz mover toda a escala dos seres. Mesmo que, com generosidade hermenêutica, se assuma que é possível alcançar esses mares profundos com uma atmosfera pura, ainda assim haveria de explicar esta aspiração a uma ordem superior do ser. Mais ainda, o ideal de transparência de uma alma pode ser ele próprio sinal da presença actuante do “instinto comum”. O paradoxo seria evidente: a transparência de um objecto ao olhar científico ou clínico é o exemplo

mais acabado da racionalidade humana, mas, como tem uma dimensão ideal ou mítica inalcançável, é, ela própria, pouco transparente.

Como é evidente, este seria o ponto certo para acabar estas explorações em torno do texto seminal deste talentoso irmão Castilho. Há, contudo, alguns aspectos que permanecem inquietantes. O primeiro é este: se os meios terapêuticos passados ou actuais conseguem de facto atenuar ou até curar de todo o mal de nostalgia, meios terapêuticos futuros conseguirão, por hipótese, acabar de vez com a aspiração da saudade a uma pátria ideal ou, quem sabe, apressar o acesso a essa pátria ideal. Esta dúvida sobre o alcance do conhecimento do cérebro para a temática perene da saudade continuará a inquietar durante muito tempo.

Um outro aspecto liga-se ao sentido da própria *Dissertation*. Como obra que culmina a formação médica de alguém que colecionou formações universitárias e que não revelou nos anos posteriores à obtenção do grau de doutor em Medicina uma actividade especialmente notável nessa área, impõe-se a dúvida sobre o significado do texto para o próprio autor. Deverão estas considerações médicas sobre a saudade ser contextualizadas, por exemplo, no pensamento sapiencial de José Feliciano ou na tradição erasmista portuguesa? Dizendo de outra forma, a *Dissertation* deverá ser tomada a sério? Este médico com inclinações literárias (ou literato que colecionou diplomas) não se esquece de fazer a caricatura mordaz da medicina, contribuindo para um filão literário que corre o risco de desaparecer já que, mais de um século e meio depois, pouca gente se atreve a afrontar os novéis donos do mundo, os médicos. Ao estabelecer a sua vida do outro lado do mar, Feliciano de Castilho publica na cidade do Rio de Janeiro uma das pérolas mais bem-humoradas que as letras portuguesas dedicaram à caricatura da Medicina, o divertido romance sobre a loucura dos homens, as *Memórias de um Endemoninhado Escritas por Ele Mesmo*, publicadas na revista carioca *Íris*, em 1848, e deixadas incompletas devido ao encerramento do periódico no ano seguinte. O desconhecimento desta jóia da representação literária da loucura da vida social é um dos enigmas mais difíceis de explicar das letras luso-brasileiras. Nessas *Memórias* não há profissão digna que, na pena de José Feliciano, fique por abalar, da Medicina à Filosofia. Escreve ele, descrevendo a percepção que tinha do século XIX: “Charlatanismo, charlatanismo, nada é mais do que charlatanismo! Charlatanismo do médico, arrotando ciência que não tem; do jornalista, fabricando as notícias, para ficar certo de as dar novinhas do trinque (...) de financeiro, que promete governar sem impostos; de filósofo, que sabe a causa de todos os fenómenos; de idealista, que define Deus” (1848, p. 151).

Como se vê, as *Memórias de um Endemoninhado* fazem coincidir a loucura com a totalidade da vida quotidiana, na tradição de Sebastian Brant, de Erasmo de Roterdão e, em Portugal, do humanista aveirense Aires Barbosa. Será a *Dissertation sur la nostalgie* uma manifestação do charlatanismo dos médicos que tentaram



olhar clinicamente a saudade, arrotando uma ciência que não têm e que nunca poderão vir a ter? Será uma denúncia do charlatanismo da Filosofia Portuguesa, que arrota discursos infundáveis sobre o fenómeno da saudade, cujo sentido último nunca poderá compreender? Será, diferentemente, a recusa da existência do próprio fenómeno, porque, como se viu, ele não existe autonomamente, já que todos os fenómenos mentais dependem da actividade do sistema nervoso, que, por sua vez, depende de qualquer outra coisa? Estas e muitas outras questões podem ser colocadas, mas nenhuma delas consegue apagar o incómodo que a pequena dissertação causa a quem a lê lado a lado com as *Memórias de um Endemoninhado*.

A chave do pensamento de José Feliciano sobre a nostalgia e a saudade não se encontra no sistema nervoso nem no fluido eléctrico. Não é possível também afirmar que o humor cáustico das *Memórias* corra ainda mais do que a *Dissertation* já havia feito: esta corroeu instâncias importantes da vida mental e cultural, mas salvaguardou o ponto de vista da ciência da Medicina que propôs a teoria; as *Memórias* desferem o golpe final, corroendo a credibilidade do próprio ponto de vista científico. Nada parece ficar de pé neste turbilhão de ideias. Conrudo, é necessário voltar ao princípio, e é no princípio que José Feliciano nota o âmbito vasto do “instinto comum” que subjaz a toda a saudade. É neste Proteu, que assume o rosto da saudade como poderia assumir infinitos outros, que tudo se joga. O debate de alto nível que é proposto, inevitavelmente datado, corroeu muitas ilusões, mas os meios excepcionais que propõe nada podem em definitivo, porque, afinal, não há fluxo galvânico que possa deter o instinto comum que tudo atravessa. Não se salvou a Saudade, mas a realidade para que ela aponta. Isso basta.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS MANUSCRITAS

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), *Documentos respeitantes às Doenças dos Colonos Suiços que foram para o Brasil em 1820* [cartas de José Feliciano de Castilho (Pai), José Duarte Salustiano Arnaud, Dr. Bazeta e Jerónimo Alves de Moural], 11 fl., COD. 10792.

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

Castilho, José Feliciano de (1831). *Dissertation sur la nostalgie: thèse présentée et soutenue à la Faculté de Médecine de Paris, le 24 août 1831, pour obtenir de grade de Docteur en médecine*. Paris: de l'Imprimerie de Didot le Jeune.

Castilho, José Feliciano de (1848-1849). «Memórias de um Endemoninhado escritas por Ele Mesmo», *Íris: Periódico de Religião, Belas-artes, Ciências, Letras, História, Poesia, Romance, Notícias e Variedades*. Rio de Janeiro: Tipografia Francesa, Vol. I, Tomo 1º, pp. 53-56, 79-84, 113-117, 146-152, 175-177, 202-207, 234-237, 270-274; Vol. I, Tomo 2º, 309-312, 391-394, 426-433, 466-469, 495-498, 554-558, 579-581, 612-616, 648-651; Vol. II, pp. 71-76 e 112-118.

Castilho, José Feliciano de (1866). *A Águia no Ovo e nos Astros, sine A Escola Coimbrã*. Rio de Janeiro: Tipografia do Comércio, de Pereira Braga.



- Castilho, António Feliciano de; e José Feliciano de Castilho (1858). *Os Amores de P. Ovídio Nasão, Paráfrase* por A. F. C.; seguida de *Grinalda Ovidiana*, por J. F. C., tomos IV-XI. Rio de Janeiro: Casa do Editor Bernardo Xavier Pinto de Sousa.
- Castilho, Júlio de (1926). *Memórias de Castilho*, Tomo I (Livro I), 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Castilho, Júlio de (1928). *Memórias de Castilho*, Tomo II (Livro II), 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Castilho, Júlio de (1929). *Memórias de Castilho*, Tomo III (Livro III), 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Castilho, Júlio de (1930). *Memórias de Castilho*, Tomo IV (Livro IV), 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.

FONTES SECUNDÁRIAS

- Botelho, Afonso; e António Braz Teixeira, orgs. (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Cabral, António (1914). *Camilo de Perfl: Traços e Notas – Cartas e Documentos Inéditos*. Paris e Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Curado, Manuel (2015). “A Vida como Loucura na Tradição Erasmiana e Sapiencial Portuguesa”, in Cristina Álvares, Sérgio Guimarães de Sousa e Ana Lúcia Curado, coords., *Figuras do Idiota: Literatura, Cinema, Banda Desenhada*. Farnalício: Húmus, pp. 27-40.
- Curado, Manuel (2017). “Representação Literária da Loucura no Portugal Oitocentista: Um Subsídio”, VIII Jornadas Internacionais de História da Loucura, da Psiquiatria e da Saúde Mental, organizadas por Ana Leonor Pereira, João Rui Pita, Victoria Bell e José Morgado Pereira, no Auditório da Secção Regional do Centro da Ordem dos Farmacêuticos / Centro de Documentação Farmacêutica, Coimbra, em 8-10 de Maio de 2017.
- El Far, Alessandra (2004). *Páginas de Sensação: Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro* (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras/Editora Schwarcz.
- Maia, Helder Thiago; e Mário César Lugarinho (2018). “Prefácio. Litera(mão): *Os Serões do Convento* de José Feliciano de Castilho”, in M.L. (atribuído a José Feliciano de Castilho), *Os Serões do Convento: Primeira Série*, nova edição integral, revista e anotada. Lisboa: Index ebooks.
- Myers, Frederic W. H. (1903). *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*, 2 vols. London: Longmans, Green, and Co.
- Prete, Antonio, a cura di (2018). *Nostalgia: Storia di un sentimento*, nuova ed. ampliata. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- Santos, Guilherme G. de Oliveira (1965). *Há 100 Anos: Algumas Cartas Inéditas de José Feliciano de Castilho*. Lisboa: Livraria Portugal.
- Seabra, Visconde de (1890-1891). “As Tristezas de Ovídio Nasão”, *O Instituto: Revista Científica e Literária*, 2.^a série, vol. 38, n.º 4 (Outubro), pp. 302-309; n.º 5 (Novembro), pp. 382-388; n.º 6 (Dezembro), pp. 445-461; n.º 7 (Janeiro), pp. 535-542; n.º 8 (Fevereiro), pp. 601-612; n.º 9 (Março), pp. 698-710; n.º 10 (Abril), pp. 786-795; n.º 11 (Maio), pp. 846-854; n.º 12 (Junho), pp. 937-945.

